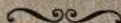


no da tese que nos serve de assunto nesta visita rápida, contudo, reconhecemos-lhe a imensa importância.

Por isso mesmo, encerramos a nossa conversação despretensiosa, rogando a Jesus nos desperte o entendimento para que a comunhão fraternal seja, de fato, uma campanha que venha a merecer de todos nós, desencarnados e encarnados, no Espiritismo com Jesus, a fiel atenção que será justo consagrar-lhe, para que as nossas horas, no dia de hoje, não estejam amanhã vazias com os tristes selos da inutilidade que denominamos «remorso» e «arrependimento».

PEDRO DA ROCHA COSTA



## Caridade na boca

Reunião da noite de 19 de Abril de 1956.

O encerramento de nossas tarefas trouxe-nos a presença do amigo José Xavier, que, com a sua maneira peculiar de dizer, pronunciou a interessante alocução poética que vamos ler.

Amigos, embora seja  
A minha frase mal posta,  
Recordemos a palavra  
De Pedro da Rocha Costa. (1)

Inda agora o nosso Enio (2)  
Releu com toda a atenção  
O ensinamento do Mestre,  
Referente à compaixão.

Contra a guerra persistente  
Da maldade estranha e louca,  
Adotemos a campanha  
Da caridade na boca.

O Espiritismo é doutrina  
De bênçãos do amor cristão,  
Que nos pede cada dia  
Mais ampla renovação.

(1) Refere-se nosso amigo ao comunicante da reunião precedente.

(2) Reporta-se o companheiro ao nosso amigo Ennio Santos, da equipe do Grupo Meimel, que, no início das tarefas, havia lido um trecho do Evangelho, acerca do perdão. — Notas do Organizador.



Renovação, entretanto,  
Quer dizer em toda idade  
Constante esforço no bem,  
Perdão e boa vontade.

Mas muitos de nós mantemos  
O vício gritante e feio  
De comentar com volúpia  
Os infortúnios alheios.

Onde a desculpa escasseia,  
De luz a paz morre à míngua.  
Usemos, pois, com cuidado  
A força de nossa língua.

«Palavras o vento leva»  
— Exclama velho rifão.  
Mas há palavras que esmagam  
A vida do coração.

Ditamos afirmativas,  
Em tom carinhoso e ameno,  
Que valem por temporais  
De lodo, lama e veneno.

De outras vezes, nosso verbo  
Parece robusto e forte,  
Mas reduz-se a sabre firme,  
Abrindo chagas de morte.

Há línguas de acento nobre  
Em que a eloquência não falha,  
Que vergastam como açoite  
E cortam mais que navalha.

Ha muita boca elegante,  
Aveludada de arminho,  
Que cospe na caminhada  
Corda e pedra, fogo e espinho.

E' que na Terra esquecemos,  
Na sombra de nosso trato,  
Que, além da morte, encontramos  
O nosso próprio retrato.

Caridade!... Caridade!...  
Quanta fala escura e inversa!...  
Quem deseja auxiliar  
Principia na conversa.

Não olvidemos na vida,  
Na sede de luz total,  
Que a boca maledicente  
E' uma oficina infernal.

Toda frase escura e torpe,  
De que o torvo mal se ceva,  
E' uma força vigorosa  
Que estende o poder da treva.

Quanto ao mais, Deus nos ajude  
A guardar a Lei de cor,  
Procurando em Jesus-Cristo  
A nossa vida maior.

E, ao despedir-me, repito  
Para o que der e vier:  
Guardai convosco a amizade  
Do irmão José Xavier.

JOSÉ XAVIER

